

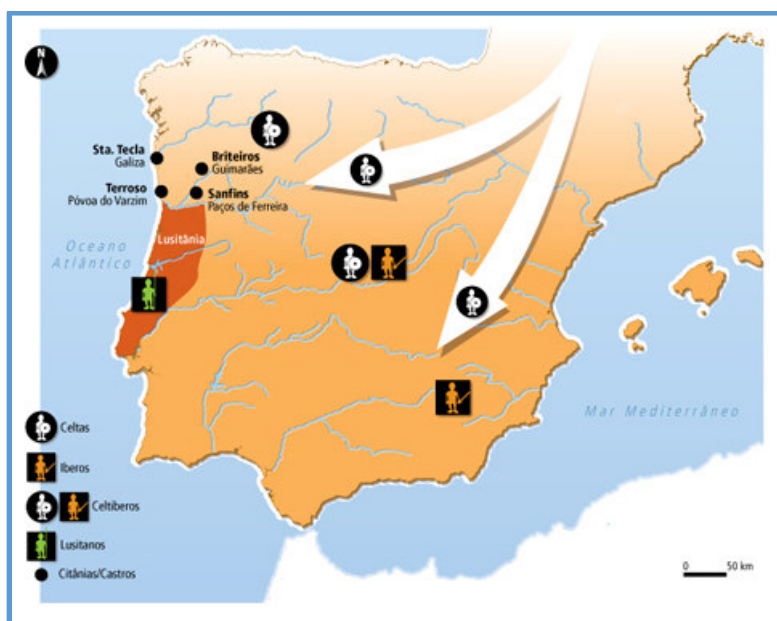
**CI-CPRI**



## A Gesta de Portugal

A gesta de Portugal foi enredo para muitas vidas. Expandiu-se da terra-mãe para o mundo, por mares nunca antes navegados. Com astrolábios, foi para lá da Taprobana, levando a Boa Nova<sup>1</sup> e, em caravelas, trouxe ouro, mirra e incenso. Até que o Império acabou e se fez Távola Redonda<sup>2</sup> de povos abraçados em solidariedade, pois quando “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce/ Deus quis que a terra fosse toda uma/ Que o mar unisse, já não separasse” (Fernando Pessoa)<sup>3</sup>.

Mapa 1: Lusitânia – Génese



Fonte: Sebenta Editora (2010)

A História já vai longa. Remonta às antas da Lusitânia. Aos egrégios avós que louvavam Endovélico, deus solar e ctónico. Na época, as éguas selvagens, emprenhadas pelo vento, corriam pelas terras da liberdade; e as cabras escalavam altas montanhas, cheias de leite para fazer queijo da serra da Estrela. Desta flora e fauna vivia gente pobre, mas honrada, que não invejava a fértil e rica Bética. Antes, por ela, foi traída, por alturas de Viriato. O

<sup>1</sup> Expansão da Fé Cristã com o apoio do papado.

<sup>2</sup> CPLP: Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

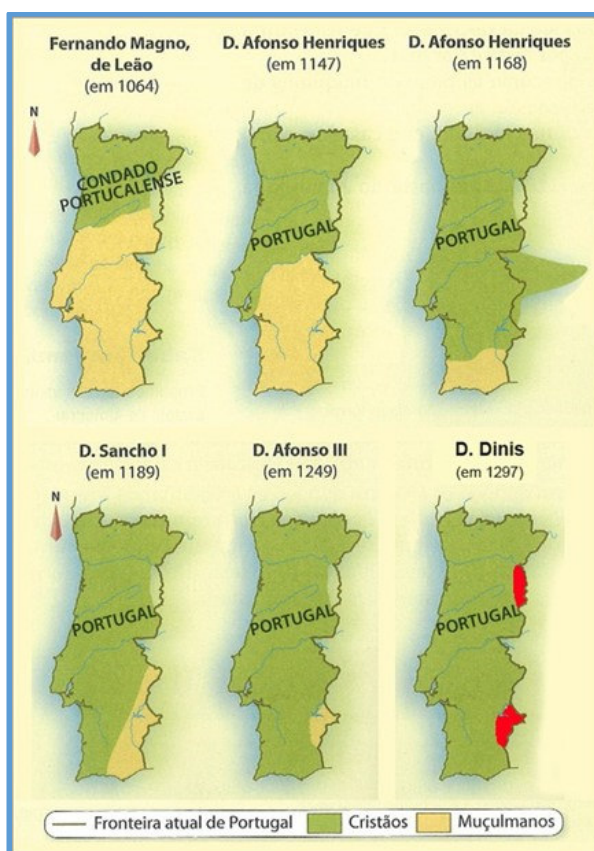
<sup>3</sup> Poema *O Infante*. Cf. Pessoa, 1994: 16.

caudilho lusitano lutou contra os invasores da península; não foi vencido por romanos, mas golpeado por béticos, seus aliados, que preferiram matá-lo enquanto dormia, a deixá-lo liderar defesa conjunta. Assim os lusos aprenderam que perigo maior não provém de inimigos, mas de falsos amigos. Lição transmitida por gerações até aos nossos dias. E não adianta, a quem não é luso, reivindicar paternidade de Viriato, que de mentiras não nasce verdade!

Sob jugo romano surgiu a Hispânia Ulterior, cuja capital, *Emerita Augusta*, foi fundada a meio caminho entre a Lusitânia e a Bética, com o intuito de as fundir politicamente. Porém, identidades foram mantidas! Em Cabeço das Fráguas continuou a sacrificar-se a Trebopala. Porque quem sai aos seus não degenera, na Citânia de Briteiros guardaram-se segredos da terra e dos deuses, à espera de melhor oportunidade; enquanto, pelas serras, se multiplicavam serpentes, que não sendo píticas de Delfos, ofereciam resistência ao exército ocupante.

Os Bárbaros deitaram abaixo os romanos. Suevos e Visigodos subiram ao poder pela violência, a cortar cabeças e a aplicar impostos, deitando fogo às cabanas de quem, de tão pobre, não conseguia pagar tributo. Foram substituídos por mouros que trouxeram picotas e cisternas que fizeram da Lusitânia terra fértil. Foram mil e uma noites de dança do ventre que terminaram em tragédia.

Mapa 2: Portugal Medieval – Independência



Fonte: Capeia Arraiana (2013)

Portucalense só precisava de líder que ousasse reclamar direitos ancestrais. Encontrou-o em Afonso Henriques cuja força motriz de homem encorpado e valente fez dele um herói,

que pelejava com braçada de espada que poucos podiam erguer. Fez o país expandir-se de norte para sul. Autoproclamou-se rei contra a vontade dos seus pares. Mas se outros monarcas, mouros, vizinhos e papas, teimavam em não lhe reconhecer autoridade, Afonso, sabendo-se bem acompanhado pelo povo português, que combatia a seu lado, manteve-se firme no seu propósito. Até que o *Manifestis Probatum* de 1179 confirmou o que já se sabia, que independência não apenas se declara, demonstra-se e sem medo, desde 24 de junho de 1128!

De conquistador, Portugal passou a povoador. As suas fronteiras mantiveram-se firmes e continuaram a crescer para sul, até se anexarem os Algarves. Em nome do pai e do filho, D. Dinis teve de rezar ao Altíssimo, em brigas de tormento. Mas a ele se devem os forais, o pinhal de Leiria, as universidades e a consolidação da língua portuguesa. Com cantigas de amigo da sua autoria, foi poeta, porque de cultura se faz um reino. Enquanto monarca deixou legado.

Ficaram famosos os amores de Pedro e Inês (galega) que colocaram em perigo o que Fernando e Leonor Teles quase entregavam de bandeja aos castelhanos. Mas sob liderança do Condestável, o povo português ergueu-se em armas para defender o reino e assim Nuno venceu Aljubarrota, para deixar João I governar.

O pai da *inclita geração* consolidou prestígio internacional através do casamento. Para esquecer tempos de fome, peste e guerra contra os vizinhos, financiou estaleiros e deu emprego a marinheiros, que ergueram panos latinos em mastros e deram ao mundo as caravelas do primeiro império global.

A gesta lusitana começou em 1415, mas Ceuta gerava mais despesas que lucro. Os Açores e a Madeira foram finalmente povoados para não serem roubados, pois o papa Clemente VI entregara a Castela, em 1345, pelo papa, as Canárias que haviam sido descobertas por Portugal.

Os heróis de Aljubarrota deram lugar ao leal conselheiro, rei intelectual que dissertava sobre a arte de bem cavalgar. Duarte financiou cruzada dos irmãos a Tânger. A cidade não foi conquistada e deu ao país mais um santo, pois o culto que já se fazia a Nuno, estendeu-se ao infante Fernando, morto em cativo para não entregar Ceuta aos mouros.

Tânger foi outra lição aprendida. Henrique foi infante que deu novo rumo às caravelas portuguesas, com ordens de descer para sul, pelas orlas frias do Atlântico. O seu exemplo foi seguido, com determinação, por navegadores ao serviço da coroa portuguesa, que se atreveram para lá das brumas e, com coragem, avançaram contra ventos e marés, temores, dúvidas e mitos; porque “aqui ao leme sou mais do que eu/ sou um povo que quer o mar que é teu/ E mais que o mostrengo, que me a alma teme/ E roda nas trevas do fim do mundo/ Manda a vontade, que me ata ao leme, de El-Rei D. João II” (Fernando Pessoa)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Poema *O Mostrengo*. Cf. Pessoa, 1994: 19.

Mapa 3: Portugal Imperial – Expansão Ultramarina



Fonte: Já Passei (2015)

Com Fernando e Isabel nasceu o império de Castela, conhecido por Espanha, que resultou na fusão dos povos vizinhos. Portugal continuou independente e poderoso, só mudou de estratégia para neutralizar o gigante sentado junto à fronteira.

Sob a batuta do hábil João II, o mundo foi dividido em dois, duas vezes, em Alcáçovas (1479) e em Tordesilhas (1494). Quando Manuel I subiu ao trono, se Portugal não era o país mais rico do mundo, parecia! Vasco da Gama chegou à Índia e Pedro Álvares Cabral ao Brasil. A metrópole cunhou a primeira moeda de circulação global enquanto entreposto comercial na rota das especiarias. Mas quem muito sobe, rápido desce!

A censura religiosa, o tráfico de escravos e toda aquela riqueza, cegaram a sociedade portuguesa aos seus excessos. A mentalidade comercial deu lugar à Inquisição importada de Espanha. Como se não bastasse, Sebastião imaginou cruzada aos mouros, tão fora de moda, sacrificando com ele, em Alcácer-Quibir (1578), muitos jovens e o futuro do reino, pois o trono foi entregue a cardeal que morreu sem filhos. Apesar de haver sucessores portugueses, Filipe II de Espanha foi acolhido pela alta nobreza de Lisboa que vendeu a pátria por trinta moedas e um beijo de Judas.

Mas o povo português não se deixava governar por castelhanos, rebelou-se contra os impostos de Madrid e, após sessenta anos (1580-1640) de jugo externo, apoiou a revolta de quarenta fidalgos que, em manhã de nevoeiro, não trazendo D. Sebastião à vida, fez nascer o primeiro de Dezembro. Foi assim que homens de capa e espada, barba rija e chapéu emplumado, restauraram a independência de Portugal atirando da janela o traidor (Miguel de Vasconcelos) para acabar com o governo da Duquesa de Mântua (Margarida de Saboia).

O Vaticano, comprado pelo ouro dos Habsburgo e seus aliados, demorou a reconhecer João IV, mas ninguém conseguiu domar uma Lusitânia livre e assim se cumpriu o *Quinto Império* louvado pelo Padre António Vieira

Portugal independente viveu novo período de abundância sob liderança de Pedro II e João V. Com a riqueza do Brasil mandou-se erguer Mafra. Não se industrializou a economia. O tratado de Methuen, aparentemente rentável para o setor dos vinhos, virou espinho encravado no pé de José I que, incólume ao perigo, perseguia rabos de saia. Valeu ao reino o Marquês de Pombal, que soube estar à altura do sismo de 1755 que varreu a capital com águas pardas de oceano. Num contexto de pânico geral, Carvalho e Melo manteve o sangue frio, mandou salvar os vivos e enterrar os mortos; aboliu a escravatura na Metrópole e na Índia (1761); e reconstruiu Lisboa, com ruas largas de espanto, de fazer inveja a capitais europeias como Paris que continuavam pútridas, labirínticas e feias.

Após a Revolução Francesa de 1789, Portugal foi invadido três vezes por tropas de Junot (1807), Soult (1809) e Massena (1810), travados pelas linhas de Torres. Espanha, em negociações com Napoleão para conquistar Portugal, foi traída pela ambição e pelo aliado e perdeu a independência. Pelo contrário, João VI viajou até ao Brasil e dos trópicos regressou para continuar a governar. O rei aceitou abdicar da sua maior colónia e assinou a carta constitucional em 1820. A sua morte, porém, deu lugar à guerra civil (1828-1834).

O liberalismo assentou arraiais com Maria II, que engravidou quase tantas vezes quantos os anos que governou. Deu lugar aos projetos visionários de Pedro V que apostou na ferrovia. Com Sá de bandeira aboliu-se a escravatura em toda a jurisdição portuguesa, ainda que praticada até 1878.

A instabilidade parlamentar desafiava os alicerces da monarquia e o orgulho ferido pelo ultimato inglês (1890) foi rastilho de pólvora até ao regicídio (1908). A República seria proclamada dois anos depois; oficializou hino que trocou bretões por canhões, pois contra os ingleses foi composto; e cantou de galo as novas cores, verde e vermelha de bandeira.

Portugal manteve o Império ultramarino após enviar tropas para a I Guerra Mundial e obter lugar à mesa de negociações, ao lado dos vencedores. No conflito global seguinte, o país manteve a neutralidade e não foi invadido – em si, uma proeza! As colónias ganharam estatuto de províncias ultramarinas, mas rebentou guerra colonial, que mais parecia civil! Contra a situação, revoltaram-se as tropas portuguesas a 25 de abril de 74, para os políticos democratizarem o regime e descolonizarem rapidamente; à exceção de Macau que foi entregue à China em 1999.

Em 1986, Portugal aderiu ao bloco regional europeu. Em 1996, a CPLP foi fundada por sete países lusófonos<sup>5</sup>. Ficaram oito em 2002<sup>6</sup> e nove em 2014<sup>7</sup>. Timor-Leste voltou para junto dos seus irmãos e a Guiné Equatorial também – pois embora independente de Espanha em 1968, fizera parte da Grande Guiné descoberta por Portugal em 1471, até esta ser dividida em três no rescaldo das invasões napoleónicas.

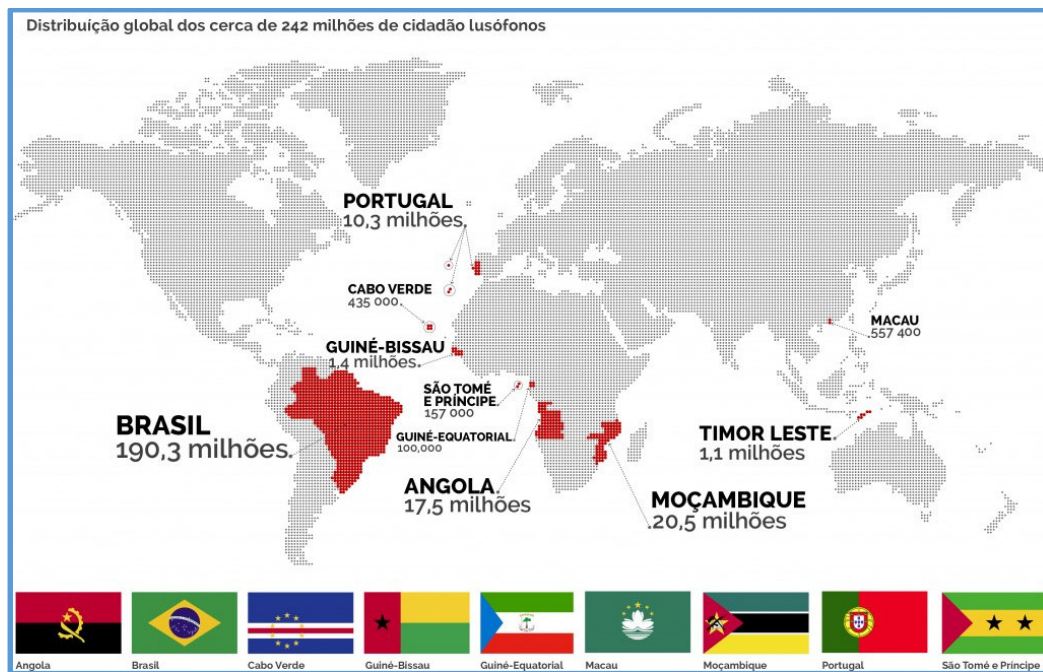
---

<sup>5</sup> Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

<sup>6</sup> Adesão de Timor-Leste após independência da Indonésia.

<sup>7</sup> Adesão da Guiné Equatorial depois tornar oficial a língua portuguesa no seu país.

Mapa 4: CPLP – Lusofonia de Países Independentes



Fonte: Fundação *o Século* (2017).

Hoje em dia, a língua portuguesa dá corpo a uma Lusofonia comercial baseada no respeito mútuo, sem ingerência nos assuntos internos de cada qual. A CPLP é projeto que une povos e diásporas de vários continentes, num caldo cultural com visão de futuro próspero. Como “Quem quer passar além do Bojador/Tem de passar além da dor” (Fernando Pessoa)<sup>8</sup>, as lições estão a ser aprendidas, mesmo as mais difíceis.

No que concerne a Portugal, urge olhar para o território que nos resta – para o triângulo estratégico que nos move e nos espelha. Identidade própria não se vitima, luta por dias melhores. Povo anda quando põe os pés no chão e corre de costas direitas. Navega em barcos de rumo definido em liberdade.

Ter gosto pelo mar e pela terra ensina-se e sente-se. Para que destino se volte a desenhar em espuma de oceanos, corajosamente contra ventos e marés, mais sabendo que “tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena” (Fernando Pessoa)<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Poema *Mar Português*. Cf. Pessoa, 1994: 23.

<sup>9</sup> Id. *Ibid.*



## **Bibliografia**

### 1. Corpo de Texto

Pessoa, Fernando (1994). *Antologia Poética*. (Clássicos do Público). Lisboa: RBA Editores.

### 2. Mapas

Capeia Arraiana (2013). “Mapa de Portugal”, CP – Edição Diária, 02 agosto. URL: [https://i1.wp.com/capeiaarraiana.pt/wp-content/uploads/2013/08/mmv2013\\_mapaportugal\\_550x784.jpg](https://i1.wp.com/capeiaarraiana.pt/wp-content/uploads/2013/08/mmv2013_mapaportugal_550x784.jpg)

Fundação *o Século* (2017). “A Língua Portuguesa”. 3º Encontro de Literatura Infanto-Juvenil da Lusofonia, 13-18 março. URL: <https://lusofonia.oseculo.pt/a-lingua-portuguesa/>

Já Passei (2015). “Territórios Portugueses no Séc. XVI”. Plataforma Educacional. URL: [http://www.japassei.pt/artigo.aspx?lang=pt&id\\_object=1547](http://www.japassei.pt/artigo.aspx?lang=pt&id_object=1547)

Sebenta Editora (2010). “Os Povos Agro-Pastoris na Península Ibérica”. Manual Escolar, Ilustrações Históricas e Infografias do Manual de História e Geografia de Portugal – HGP. URL: [http://www.manualescolar2.0.sebenta.pt/fotos/editor2/sebenta\\_hgp5/hgp030.jpg](http://www.manualescolar2.0.sebenta.pt/fotos/editor2/sebenta_hgp5/hgp030.jpg)